

EIMEAR McBRIDE

UMA

«Um romance fulgurante e original.»
James Wood, *The New Yorker*

Tradução de Daniel Jonas

RAPA-

RIGA

É UMA

COISA

INACA-

BADA

ELSINORE



Para Donagh McBride

PARTE I
CORDEIROS

Para ti. Que vais. Vais dar-lhe nome. Nos pontos da sua pele ela vai usar o teu poder de decisão. Mamã eu? Sim tu. Saltaste na cama, diria. Diria que foi isso que fizeste. Depois deitaram-te. Cortaram-te em volta. A espera e hora e dia.

Andar por corredores subir escadas. Estás bem? Sentas-te, diz ele. Não. Eu quero diz ela. Eu quero ver o meu filho. Cheiro a antibacteriano na sua pele. Esfrega ladrilhos aos losangos com a mesma resistência. Todo aquele queimo-te os olhos se te caísse algum. O coração dela a bater. A bater dum dum dum. Não faças caso que ela esteja a entrar no teu quarto. Vê o. Jesus. O que fizeram eles? Jesus. Fel por. As marés ardem. Chiu. Já está. Mãe. Ela chora. Oh não. Oh não não não.

Eu sei. A coisa errada. É uma. É chamada. Hemorragias nasais, dores de cabeça. Onde não te aguentas em pé. Canecas de outono e pratos de jantar diz ela levanta a mesa. Ah novo diz ele deixa a criança em paz. Balança cai. Não dá ou. Segura bem. Escorregar na lama. Pimba na tua. Pobre cabeça enfaixada a branco e o sangue espreguita. Ela sente a aversão disso. Uma cabeça de rapazinho. Chiu.

Foi ela a primeira a ver quando não conseguias abrir o olho. Não piques assim tanto tempo que o vento muda e ficas assim. Não sou a mamã. Ficou preso. Ela abriu-o. Segurou-o em cima. Não consigo vai-me cair tudo.

E agora a Sagrada Família num sábado à noite. Ele está a inclinar-se tu a dormir ela a cadeira eu a girândola. Ouvir a conversa do médico. Fizemos o melhor que pudemos. Não havia

realmente muito. Está espalhado por todo o cérebro como raízes. Lamento. Não diga. Isso. Não vai conseguir escapar receio bem. Receio que esteja a escapar-se. Deveriam levá-lo para casa, aproveitar os últimos momentos. Ele não. Ele está. Não pode voltar a operar? Não podemos. Chiu. Alguma coisa? Quimio então. Vamos tentar.

Getsêmani nosso Senhor ouvi-nos as preces as nossas preces. Por favor. Intercessão. Noite em camas de hospital. Rostos no pavio. Linóleo nos joelhos. Por favor Deus não o leveis. O nosso. Santa Maria mãe de todos, humildemente vos rogamos.

Tu cara pálida sentindo a agulha a entrar. Sentindo o veneno gordo sumarento envenenar-te a pele de rapazinho. Nas tuas artérias. Órbitas. Espinha mãos pernas. Vomitar células todo o santo dia. Não Mamã não os deixes.

Dão-te semanas. Se menos. Assustado e careca e molha a cama. Árvores escuras lá fora para mim quando o tempo é de chuva. Ela a rezar sob um casaco até que eu enregele. Árdus genuflexores de capela de domingo de joelhos glabros contração a sério. Ela sim. E o nosso pai assim foi. Onde? Algures por ali. Penso eu.

Há boas novas e más novas. Encolheu. Salvou-se. Ele não. Nunca mais. Assim como um caroço um sopro débil o que temos. Jesus no sangue dela nesse momento. Regozija-te sagrado coração de Cristo. Mas nunca nos livraremos disso compreendeste? diz ele. Chiu agora ela diz chiu.

O teu rosto rosa faz desse sentar-se a melhor coisa que ela já fez. Olhar-te a ganhar cabelo. Às lascas sobre cicatrizes sobre pegadas de bisturis. Não olhes. Dizer as horas e onde estás. Fá-la ficar feliz. Faz o nosso pai. Percorrer corredores sozinho.

Ele diz não posso ficar à espera disso o tempo todo. Eu dava os meus olhos para o curar mas. Um coração não pode torcer e retorcer. E ela como a mais calma das Virgens Marias na cama sentada. As mãos a aquecerem-lhe os lados para. O que dizes? Respira.

Vais-te? Embora? Mas ele acabou de acabar de morrer. Ainda está para vir. Por favor não te detenho. Nunca te obrigaria a nada. Vais sustentar-nos. Não és tão bom? Oh a casa é minha. É pelo melhor. Para quem tu eu? Entabua-me. Não sou para amores. Nunca mais. Vou viver para as lides da casa. Vestir miúdos. E tu para a hipoteca sapatos novos batatas. Não posso viver uma esperança curta mas contas de gás grandes e pagas a tempo e horas também. Oh que delicado. Se não és tu um homem como deve ser.

Ele deixou-a com uma nota de cinquenta libras. Toma conta de ti! Penteia acaricia um cabelo cheio desalinhado. Pensando penso em ti e em mim. Nos nossos espaços em branco onde os nossos pais deveriam estar. E quando podemos encontrá-los e o que fazer em lugar deles.

Mas não é que o tempo lá continua. Onde está o Papá? Foi-se. Porquê? Porque sim. E lá apregoa ela à força que se estende às tuas pontas de dedos. As beliscadelas na barriga da bebé que dá pontapé sou eu. Cheio em mim. Incubadora animada. E eu adorava nadar ao teu toque. Ficar encostada às pregas à espera das tuas carícias dedos pelos teus secretos e pressionantes olás. Mostro-te o meu pé vermelho. Vê. Olha para ele. Bebê quando nasceres sou eu que escolho o teu nome. Vês tu e eu estávamos já atarefados um com o outro muito antes de eu cá chegar.

Ela era cuidadosa contigo. Dizendo vamos devagarinho. Cuidado com a cabeça meu querido coração. E as suas goelas diziam Graças a Deus. Pela arfada de ar. Por esta garantia de Enfermeira eu hei de. Ensinar-te a arte do pai-nosso. E quando dormias eu embalava em mistérios ditosos gloriosos até que eu o reino viesse a nós. Muco atolado no meu nariz. Gritar para romper o dia. Uma gorducha fungando como uma criatura. Um mundo de vinagre cheirei eu. Olha aqui uma cachopa não é fantástica. Berrando. Oh Ho. Agora estás a salvo. Mas eu vi menos com estes olhos carne. Lá fora quase fora da vista. Ela, perguntando por e eu

EIMEAR MCBRIDE

estou bem. Mão na minha cabeça. A mão dela nas minhas costas. A dividir-me da amável carne mãe que não pôde aceitar-me de volta. Ali me enrosquei aprendendo membro a membro. Enroscada debaixo de luzes quentes. O lamento marulhou. Estou tão feliz que o teu irmão esteja vivo. Que te veja. Que seja tudo. Mas. Alguma coisa aí vem. Começa o esfregar. Esfregar o meu a toda a hora. Eu debato-me por. Eu debato-me de. O cheiro a leite agora. Escurece. Desaparece. Embranquece.

Dois eu. Quatro tu cinco ou qualquer coisa. Eu caindo. Enrola a mesa perna ao banco. Cava a face nas almofadas dela. Chia. Bebê cheio de ranho e choro. Tu comprimes-me os meus lados só um pouco. Eu regurgito um ai meu deus de risadinhas de cócegas. Não para e vai de roda e cai de quatro. Eu caio parte o quê. Dei com a cabeça. Oop. Estás feita. Mas. Logo o mundo irrompeu como águas. Uma bofetada de. Uma bofetada de todo o lado cheirar a cozinha pó perfume sabão sebes no inverno cães e serragem no chão de um talhante. Novo. Novo não. Lembro-me. Estampado no meu cérebro. Eu sinto o tapete debaixo disso arranhar-me quando me arrastas a perna. Sei os seus anéis ouro e turquesa. Flores sobre. Folhas para o verde. A perna do sofá risquei a esferográfica vermelha no grão da pele. A escavar. A cantar há muito muito tempo nos bosques de Gartnamona ouvi um melro a cantar no pilriteiro. Oh. Lá voltou. Lá voltou de onde? Não me lembro disso antes.

Tu inclinas-te. Não chores não chores. Traz lá isso. Eu penso que até podia. Não. As lamúrias dão é direito a coça para mim ou para ti. Colher de pau pior que mãos ou beliscão na orelha. Eu dou-te uma razão pela qual chorar-se. Fazer um santo espetáculo com esse grande lábio. Para com essa reclamação. Desculpa Mamã. Não choro então embora algo tenha acontecido na minha cabeça. Acordei. E olhei para o teu cabelo castanho. Um cabelo curto de rapaz suave na tua cara redonda. Deve ser do lavar do escovar do pentear. Mãe atenta e amorosa. Eu lembro-me. Eu vi.

Tamanho orgulho e alegria nele. Aqueles médicos enfermeiras diziam que não ia. Morto no folículo morto na raiz. Mas cá está diz ela em enxertos. Não o puxes, dando-me uma palmada.

Eu fujo do lavar do escovar. Manter os dentes como deve ser. É de mais. Esse esfregar com os nós dos dedos. Como espuma de sabão impregnada no couro cabeludo. Ela há de pôr mãos à obra. Nada de piolhada. Nenhuma doença. Nada de psoríase e caspa nem vê-la.

Escapo-me do banho quando ela me apanha. A correr com a cabeça cheia de champô a berrar não Mamã não não não. Peito frio onde a água bate para-brisas barriga à chuva. Vencer aquelas escadas o mais rápido que puder. Champô na minha testa. Nos meus olhos. Ninho de ratos. Mamã. Aos berros Minha Menina volta já para aqui ou vais ver. Fico piursa. Massajando bolhinhas de sabão. Pior e pior e mais picante do que hortelã viro o nariz. Apanha-me sempre. No corredor. Tu por um cabelinho. Puxa-me pelo tornozelo nas escadas. Ela num oceano de sabão. É preciso ficar aí. Quanto mais rápido mais depressa saís. Eu sou a ousadia em pessoa, minha menina, aí a menina. Vamos lá cabeça outra vez lavá-la para te tirar isso da cara. Ahhh. Bolhinhas com a boca. Thhh. Bolhinhas. Cara cheia de pano. Ora aí tens pelas tuas bolhinhas. Pateta. Não queres ter o cabelo como o do teu irmão? Vê como é luzidio, adorável. Eu quero. Não passaram dois anos e já aos punhados – tão bom como o teu. Médicos enfermeiras. De ora em diante assim. Pois um pouco dum coxear e falta de visão periférica não são assim tão maus quando estamos bem.

Já os dentes. Piores os teus. Os teus estão todos podres. Nada certinhos como os de leite. É vigiar é normal depois de tudo por que passou. Os novos hão de vir e deve correr bem. Pretos não, disse ela e atirou-os fora. Manchado não lavado ou lavado que chegue. E não os guardaria numa caixa de fósforos. Os meus estão guardadinhos. Não toques. A salvo na minha cabeça. Quando os teus não estavam

não haverias de gostar de ver o olhar dela. Ser lembrado disso. Então fazes uns segundos em segredo com pastilhas elásticas com sabor a hortelã. Encravá-los nos interstícios para o caso de ela dizer para abrir. Ela diz lava os dentes pelo amor de Deus há muita criança sim criança não que tem os seus. Mas o doutor disse. Podias ter ficado com uns poucos tenho a certeza. Sim Mamã. Não me venhas com um sim Mamã. Mamã sim. Dizes sempre que sim quando eu digo que não. Tinhas uns dentes que eram uma desgraça os teus não valiam o trabalho. E não havia nenhuma boa razão para isso. Felizarda. Abençoada eu. A tua segunda remessa era muito mais rija. E tu tem cuidado. Embora gostasses mais deles antes, digo eu, do que agora.

Vivemos no campo frio e húmido com lesmas a andar pela alcatifa a noite inteira. Agora que tens sete oito. Eu cinco. Esta casa, verde a crescer na parte de fora.

Tu e eu a fazermos corridas de lesmas desde a porta de entrada até à fonte seja lá onde for. Leva-me essa coisa porca para fora de casa não sei como cá entram. Sempre nos perguntámos, à cata de ninhos de lesma no sofá. Debaixo da cancela e achámos um lagarto a correr pernas para que te quero no freixo. Entrava com os baldes pretos carvão mas estava um calor de morrer de morrer. Esquadrinhávamos com o ancinho debaixo do fogo em cinza. Então disparava e tu eras mais rápido do que eu. Apanha-o a tempo de ainda poder ser uma lagartixa acho eu. Vai buscar um frasco de compota vai. Prende aí esse galho. Eu chafurdo-lhe o olho que vira. Sinto a garganta, está peganhenta como caminhos de lesmas. Nunca mas nunca lhe toques. Um estalo por cada palavra de aviso que nos dão. Nunca. Mas nunca. Toques. Nessa. Coisa. Horrrosa. Vai-te. Dar. Verrugas. Isso. É. Hor. Roro. So. Não interessa, ficamos na mesma com o frasco na barraca até partir ou morrer de susto tu disseste e atiraste-o ao gato que fugiu. Gato gordo cheio de tretas. Oh-e oh-e oh-e disseste tu. Deixa gosma amarela se lhe tocas. Não. Pegues. Nesse. Gato. Nojento.

Os céus desabavam no inverno. Chuva torrencial e azáfama debaixo da porta da cozinha. Ela deu-lhe com a vassoura. Um montão de papéis ali debaixo. Olha-me só. Paredes encharcadas e janelas cheias de humidade. Casa que Deus esqueceu é o que é cuidado está a cair o céu.

Tu e eu a nadarmos guerra das estrelas nas poças. Recifes de linóleo doutros mundos. Os meus dedos porcos a coçarem buracos maiores. E a fazer das escadas as cataratas do Niágara a atirar homens à água amarrados a lâ. Debruçados sobre as nossas barrigas a comer pedaços de pão com manteiga açúcar por cima. Uma montra Mamã quero um. Não quero isso no meu chão.

O inverno uiva a noite toda nesse ano nas árvores que subíamos e nas sebes dos caminhos. Não passam carros aqui. Ninguém vem aqui. Coisas a chamar por mim nos campos. Dizem que me querem e descem as paredes por. Ela está a chegar Mamã. Quem? O diabo da morte. Não seas tonta. De certeza que o teu irmão não está? Não se importaria se surgisse alguma coisa? Fecho a porta ou deixo-a aberta? Não faço ideia. Fecho o mal lá fora ou deixo-o entrar? Pior tu. E disseste Eles estão a chegar. Por mim e por ti. Para com isso. Vêm buscar-nos e nós sem faca. Qual faca? Aquela que combina com a máquina mágica. Qual máquina? Aquela que faz aquele barulho para matar coisas más. Um grande túnel escuro faz estrondo. Como é que sabes? Foi o que eu passei, eu a gritar e aquilo queima horror ahhhh. O médico disse que deitava fogo pelos olhos. Ele não. Ele sim e estes não são meus. São assim. Os meus derreteram. Estes são do bode. Olhos de bode e o diabo quere-os de volta. A minha garganta está a fechar. Cala-te. Ugh cala-te lá. Mamã? Mas acordad-me durante a noite. Olhos de bode correndo em direção ao céu.

Sempre em casa, à deriva pelas escadas ou sentada nas nossas poças o monstrinho na tua cabeça. A dormir feliz doméstico o teu cérebro resiste e dedos só batem no teu lado esquerdo mau. Não batas na cabeça do teu irmão. Tropeças. Não é assim tão mau. E entrando em casa uma gargalhada. O olho cego de lado é como na ptose? Não. Água do lago? Não. Como vidro? Dizes que não é como nada de nada. Deve ser algo quê? E palavras, vestígios de gaguez. Na escola porque falas assim? Deve ser por notoriedade. Está nas tuas somas cruces e linhas a vermelho num caderno

UMA RAPARIGA É UMA COISA INACABADA

por não não não. Está mal, os escritos dos professores, já te expliquei isto tudo. Está mal não compreendes. Está mal não ouvires não prestares atenção nas aulas. Outra vez. Não, não estavas.

Não vê não vê está ali está ali. No confortável âmagô da tua cabeça. Deve ter os seus cordéis a puxarem constantemente. Manhoso no afeto. Coisa bera. Ali a mascar. Unhas que cavam como garras. O seu ângulo cego acho quando eras pequeno. Não estás melhor. Não estás, cegaste-lhe os olhos bons.

De quem é aquele carro? Estás a ver diz ela, a estacionar em frente ao portão? Oh meu Deus que não seja o padre da paróquia e a desarrumação. Quem é agora? Não afastes a cortina. Não não é. Bem ele está a vir por aí acima. Oh Jesus Maria e José. Vai limpar-me esse nariz tu.

Papá. Não te reconheci. Pregaste-me o susto da minha vida. Não fazia a menor ideia de quem era. Tens outro carro? Logo vi. Mas não vieste a conduzir o caminho todo vieste? Mãe santíssima. É uma viagem horrível e que nunca mais acaba. Vá entra Deus meu e senta-te. Em todo o caso estás com bom aspeto.

É isso. E a Mamã veio contigo? Ah não claro que não. Ela não pode. Ela já o tinha dito pois é. E o médico não lhe conseguirá dar nada, só para a aliviar um bocadinho? Deves estar esgotado. Queres um chá?

Anda cá dizer olá ao teu Avô. Ele veio de propósito só para te ver, não foi? Aproveitas para me trazer essa chaleira? E tens conseguido dormir alguma coisa? É um desespero nesta idade. Anda cá, vamos, anda dizer olá como o teu irmão. Meu Deus, olha-me só a cara que faz? Não te passou pela cabeça arranjar alguém para ajudar em casa? Não ela de envergonhada não tem nada. Para descansarem pelo menos as manhãs digo eu? Vai uma sanduíche a acompanhar? Nem comecei ainda a fazer o jantar. De maneiras que antes das seis, digo eu, não se janta. Sabes que mais, não tenho nada para fazer. Também é certo que não estava a contar contigo. Eu dou uma fugida. Fica só a uns cinco minutos

ao fundo da estrada. Nem pensar vais ficar aí onde estás. Já conduziste que chegasse. Tu ficas aí a falar com o teu avô enquanto eu vou ver tratar das compras. Oh agora a Madame está lá em cima. Enfim, não tarda desce assim que acabar de fazer ginástica às orelhas. Tu ficas aqui a contar ao avô os resultados do teu teste de QI. Média. Sim. Então não é bom? Claro que é. Sabes bem com o que é que eu estava preocupada. Olha, falamos quando voltar. Que bom meu amor. Papá não queria parecer brusca. Não claro que estou contente por teres vindo. Olha deixa-me só ir tratar destas compras primeiro. Fica aqui a mostrar ao avô os teus Octons amor. Eu não me demoro.

Aquele homem era cá de uma fibra mais do que nós. Um anzol direito no olhar era o que ele tinha constantemente. Um cabelo fino rígido com laca. Bigode olhos castanhos. Um Clark Gable quando era mais novo, dizia ela. Mas também para mim eram todos assim nessa altura, quando estava a crescer. Estava às ordens dele. Debaixo da sua alçada. Um pai tipo estrela de cinema com a sua de quinze aninhos. A sua pobre Carole Lombard fodida até não mais. Mas nós não usamos estas palavras. Um ao outro. Ainda. Eles eram uns verdadeiros tementes a Deus perdidos por um perdidos por cem. Cavalas empapadas em leite todas as sextas-feiras à noite. Missa todas as manhãs para toda a criançada com mais de três anos e a ira de Deus sobre quem quer que dissesse Jesus alto e bom som ou até mesmo em pensamento. Porque o não dito é tão mau quanto o dito, se não pior. Os sábados de tarde eram dedicados a rezar com a esposa — altura em que nenhum dos pequenitos tinha autorização de entrar sem bater convenientemente à porta. Era tal o louvor era só louvor dentro daquelas quatro paredes. Com os seus bebés e bebés a acumular-se como degraus de escada. Pois a madre do sofrimento eterno vai-se a ver e era mártir de prolapso e daí até à hysterectomia é um passo. Uma vida gasta a retirar entranhas porque desagradava a Jesus desistir disso.

Vinte anos na cama e uns quantos mais depois destes até que ela apaga. Ah que desespero para ele no seu tweed janota e na sua bengala peralta. Sete filhos para lhe levarem o caixão. Sete filhas para seguirem atrás a chorar e uma extra para fazer dele um mártir – claro que há miúdos que morrem e tal mas esta teria sido a melhor. Filhos para quebrarem cadeiras nas costas uns dos outros. Filhas para se enxotar da casa de banho para um xixi. Maridos para o ricos ou então levavam um pero. Mulheres para o castas ou os rapazes apanhavam mais. Seucagalhãodemerdainútildeustevalha. A nossa no casamento dela teve direito a um olhar franzido mas ele acabou por pagar. Ele, ao menos, sabia como comportar-se. Embora um homem como o nosso pai não lhe dissesse absolutamente nada. Não servia para lhe lamber as botas. Não servia para capacho dele. Claro que não ficou nada surpreendido quando se pôs na alheta. Quando saiu disse ela. Estava na cara que isso ia acontecer, afinal do que estavas à espera? Psiquiatra pois que patacoada vem a ser essa? Espetar-se coisas em cabeças de vegetais como modo de vida ou chamar doidos varridos a boas pessoas. Ele conhecia o género. Não lhe passava sequer pela cabeça que o filho estivesse doente. Ocupado a pensar que era tão grande, sem dúvida nenhuma. Que tipo de pai é esse, diz-me lá! Ela nada, ou também não era nenhum neurocirurgião.

E cá nos chegou, este avô, vindo do nada. Nem um aviso prévio, apenas uma pancada seca na porta. Ninguém espera a inquisição espanhola num fim de tarde de sábado. Alguém espera que alguém se faça à estrada mais de seiscentos quilómetros de alcatrão sem primeiro confirmar que não vai dar com o nariz na porta? Mas foi assim mesmo que ele fez porque não ousaria pensar de outra forma. Não estarmos realmente em casa. Ficar uma semana e ter-nos à disposição e ser só chamar. Ainda assim a miudagem adorava-o mais aos chupa-chupas na algibeira. Nos correios diziam que ele era um cavalheiro à antiga. Segurava as

portas para deixar passar as senhoras. Gentil para com bestas. Dava uma oferta generosa aos domingos e ensinava umas coisas sobre uma vida temente a Deus. Deixou a bebida em honra da mãe no seu leito de morte. Não foi nenhuma pera doce ele. Ele diz que foi a coisa mais difícil que já fez mas se formos maus para a nossa mãe então não teremos sorte na vida. Ele disse não sabe nada mas sabe o que está correto. Não tocou numa gota a seguir a isso. E todos os seus filhos também e cada um deles um comungante regular. Ele próprio comunga diariamente e nós que remédio quando ele entra em cena. Vais passar a eternidade a arder no inferno e nessa altura desejarias ter ido à igreja. Não escondas o teu rosto do teu pai ou ele há de esconder o seu rosto de ti. E ele é um santo com aquela mulher dele também. Dizem que foi dura com ele. Foi dura e amarga e afiada. Ele nunca diz palavra. Considera esse silêncio uma penitência. Oh ele tem a sua própria cruz para carregar — mas na verdade quem a não tem? Além do mais isso não é nada comparado com a morte de um filho. Ele não se importa de contar que a sua fé foi duramente provada. Não há sofrimento como o de um pai. Não não há sofrimento como esse. Despoletou-lhe a bebida. E este seu neto traz-lhe tudo de volta outra vez. A filha dele bem poderia tê-lo poupado a descrições da cabecita aberta, não lhe devia ter telefonado a chorar a contar-lhe que só lhe davam seis meses de vida. Mas ele lembrou-lhe que a ele não lhe tinham dado sequer tanto. Por isso mostra alguma gratidão pelo que tens. Muita gratidão minha pequena. Muita.

Senta-te aqui pequenito e conta-me lá o que tens feito desde a última vez que vim aqui. Cresceste? Então não vai ficar atrofiado? Graças a Deus. Como é que vai a escola? Já és o maior da tua turma? Ah não tarda serás. E como estão os testes? E a aritmética? Bem, isso não é lá muito. Não te andas a aplicar como devias. A tua mãe era boa nas somas. Devias pedir-lhe que te ajudasse. Pois pede-lhe outra vez. E como vai a cabeça? Já fizeste mais exames?

Que bom então. E como vai a tua mãe? Não há sinais daquele pai irresponsável aposto? Eu sabia no primeiro minuto em que lhe pus a vista em cima. Nenhum sentido de responsabilidade. Espero que não venhas a ser assim. Bem, fico muito contente de saber isso. E quantos anos tens agora? Em que classe estás? Tens feito as tuas orações? Vais comungar? Quantas vezes? E a confissão? Todas as semanas? Sabes que é importante nunca recebermos a hóstia num estado de pecado. O teu corpo é o templo de Cristo. Ensinam-te isso na escola? Então porque não vais mais vezes ou já sabes isso tudo muito bem sabido? Não mentes à tua mãe, pois não, nunca? Não brigas com a tua irmã? Bem em relação a isso não há como protestar. Mas sabes bem que o orgulho é um pecado capital e que devemos todos ser humildes diante de Deus. O teu pai era um homem orgulhoso. Ele não ia à missa e olha só o que te aconteceu como resultado disso. Por isso atenção ao orgulho. Bem, vamos dizer agora uma ave-maria e esquecer isso por agora mas da próxima vez que fores vais contar ao padre. Vamos lá então. Ave Maria. Vamos lá Ave Maria cheia de...Graça. Continua tu. O Senhor é... Como é possível teres-te esquecido? Não se diz o terço nesta casa? Então como é possível não se saber o ave-maria? Não, assim não tem jeito nenhum. Isto é terrível vamos lá continua.

E quanto a ti, Miss Piggy? Anda aqui e vem falar comigo. És sim senhora. Pareces-te mesmo com ela. Não sejas atrevida. És a imagem dela. Esse teu focinho. Olha só. Vês, tirei-to. Diz por favor e eu devolvo. Não batas no teu avô. Pronto. Toma lá então. Sua pestezinha és saidinha da casca. Se fosses minha filha já estavas dobrada sobre os meus joelhos mas as minhas meninas eram bem-comportadas. Nunca haveriam de bater na perna magoada do seu avô. Porque ele ficaria muito triste com isso. Agora vou ter de contar à tua mãe e ela vai dar-te um tautau nesse rabiosque. Porque eu sou o papá dela por isso se lhe disser para fazer isso ela tem de te dar um apertão.

Estive a falar com o teu filho. E com a tua filha. Bem... Mas antes disso o que fizeste para irritar a tua irmã? Não foi isso o que me disseram. Ela disse-me que tu sabias que ela estava doente e que nunca disseste nada. Podia ter sido asma. Ela podia ter de ir para o hospital. Bem até hoje não chegou nenhum cartão e não tenho nenhuns motivos para achar que ela me mentiu. Bem não sei. Tu podias. Podias estar a confundir as coisas. Só pensas em ti própria. Não há uma cabina telefónica na cidade? Como ela mesma disse ela fartou-se de telefonar quando o rapaz adoeceu. Mas desde então tu pensas que és a única a ter consumições. Ouve-me cá uma coisa, tenho mais filhos do que tu e amo-os a todos por igual e não vou estar aqui a escolher a dedo. Tu estás. Tu estás a pedir-me que faça isso. Estás a tentar que eu tome partidos. Provavelmente queres que o diga à tua irmã. Pois podes tirar esse cavalinho da chuva para começar. Oh tu não me enganas. Tu não ligas a ninguém nem mesmo à tua família. Pois nem nunca me agradeceste no hospital pelo dinheiro que enviei. Não disse nada na altura mas isso magoou-me profundamente. Claro que havia tempo. Há sempre tempo para a gratidão. Verdade seja dita que partiste sempre do pressuposto que iríamos lá estar para ti e a verdade é que sempre estivemos. Mas nem uma palavra de gratidão. Nenhuma nenhumíssima. Oh claro aposto. Aposto que não era tua intenção. Nunca é. E quando fui fazer aquele exame à vista nem um telefonema. Podia ter sido. Podia ter sido glaucoma. Ambos os teus avós tiveram. Mas claro de que interessa isso? É o mesmo que falar para aquela parede de tijolos ali. Foste sempre egoísta. Não. Não me venhas agora com o por favor papá.

E aquela criança só fez a comunhão há um ano e nem consegue dizer ainda o ave-maria. Não tens moral? Mas que caminho é este, que retaguarda é essa que se dê a um filho? Mas é claro que te julgas muito esperta. Já me esquecia. Boa de mais para casar com um homem que queira dar uma educação cristã aos seus filhos.

Olhamos sempre para os próprios umbigos, não olhamos? Não queríamos ser nada assim, pois não? Sempre me olhaste de cima e com desdém para as minhas crenças. Estás muito acima desse tipo de coisas não é. Mas eu não poderia estar mais nas tintas porque estou grato pelo modo como Deus agiu na minha vida. Claro que te ris. Claro que sim. Mas fui eu quem te pôs a comida na boca. E o teu marido superior, onde anda ele agora? E ainda pensas que é assim que se deve educar um filho? Com nove anos já eu comungava diariamente. E já servia também e não havia cá este Tem mesmo de ser? Se eles perguntam isso então é sinal que estás a fazer alguma coisa de errado. Aquele rapaz tem muito por que estar grato. Poderia não lhe fazer uma diferença do outro mundo mas se ele não está já enterrado ninguém me tira que se deve à força da oração. Meia paróquia a fazer uma novena noite e dia. Não foi bem remissão. Não não foi e é melhor teres cuidado porque o que ele dá pode muito também tirar.

E olha-me só para aquela ali. É lá maneira de se educar uma menina? Olha só para ela. De saia de folhos. É revoltante. É indecoroso. Com a roupa interior a ver-se. Que espécie de comportamento indecente vem a ser isto? Como se espera que ela possa vir a ser uma filha de Maria? Bem, não devias deixá-la andar assim. Nunca te eduquei assim.

Deve haver algo de errado contigo. Tu não estás a funcionar no teu inteiro juízo. Foi assim que deixei a tua pobre mãe. E não admira que o teu marido te tenha deixado. Se eu tivesse de viver com esta falta de Deus debaixo do meu teto. Não te apercebes de que o que está aqui em jogo são as almas imortais deles e que não há cá segundas oportunidades? Conseguirás viver com o peso da sua condenação na tua consciência? Não interessa o que querem ou não querem. É para o seu próprio bem. E quanto a ti. Como Cristo disse Melhor lhe fora que se lhe pendurasse uma pedra de moinho aos seus pescoços. Não. Não foi um erro vir cá.

Sinto o maligno nesta casa. Não vou ficar cá. Não posso ficar. Não não fales comigo. Não quero ouvir palavras proferidas pelo maligno da boca da minha própria filha. Não calculas o que isto me faz. A minha própria filha. O choque. Não, deixa-te estar. Pois tenho muita pena que eles fiquem preocupados mas deixa-me passar. Não quero ouvir mais. Só me envenenarás com a tua amargura criatura sem Deus. Tenho pena de ti. Tenho mesmo. Não te aproximes sequer. Deus tenha misericórdia de mim por ignorar. Por ignorar que eduquei uma... Não. Basta. Já chega. Adeus.

Uma casa muito mais tranquila seguiu-se. Um carro a empolar a estrada em baixo. Ela cobriu o rosto arquejando. A forçar o ar a entrar. Tremendo com lágrimas. Rígidos como arcos sentámo-nos. Rostos pendendo sobre as escadas. A nossa casa do mal a chamar. Há diabos da morte por aqui.

Muito bem. Muito bem vocês os dois. Estão a ver o que fizeram? Estão contentes agora? O que é que eu disse sobre a saia de folhos? O que é que eu disse sobre tapar as cuecas? Ela vai a saltar escada acima. Um dois. Os meus olhos estão a sair-me pela cabeça com a pancada. O sangue a afluir-me ao nariz. A minha cabeça escorre-me para a frente. Corrimento disso. Ela puxa-me o cabelo. Escuta-me. Escuta. O que fizeste. A abanar-me e toma daqui toma dali na cabeça. Fedelho idiota. Arrepios. Cega de raiva. Sai-me de ao pé de mim e empurra-me pelo corrimão.

Tu. Pânico. Mamã desculpa que eu desculpa não sabia. As tuas mãos não conseguem mantê-la à distância. Ela sabe tudo sobre abaixar e agitar as mãos já fizemos isso tudo antes. E acerta-te nas orelhas. Nas tuas bochechas. Assim com tanta força. Ah Mamã desculpa. Desculpa. Desculpa, por favor, desculpa, desculpas?, era tudo o que dizias. Ela agarra-te pela blusa. Dá-te uns tabefes bem dados. Toma e toma e toma. Encosta-te a um canto. Mamã. Mamã. A cara como um tomate. A cara toda dorida. Já estás a levar outra vez, vês? E toma lá ainda outra.

Gritaria. Sua imbecil. Sua estúpida. O meu sangue todo do nariz no pulôver. Agachas-te. Tu. Audaz. Rapaz. Tu. Imbecil. Imbecil. Nunca vais conseguir fazer nada de jeito. És um atraso de vida. Ele tem razão. És um atraso de vida. Mãe santíssima. Será assim tão difícil? Nossa senhora. Já te aturei de mais. Aos dois. E a ti. Tu devia meter-te numa escola para atrasados. Não Mamã Mamã. Pega lá. Numa escola para atrasados é onde deverias estar e ficas por ali porque é lá que pertences e podes fazer lá o que bem entendas e escuso mais de te aturar. Chega. Não aguento mais. Chega de vocês os dois. Os dois. Seus fedelhos egoístas e mimados. Estão a ouvir? Farta. De manhã à tarde e à noite todo o santo dia e é isto o que me dão em troca? Escola para atrasados ouves bem? Pega lá pega lá. O teu nariz a chorar quando ela te puxou pelos cabelos e depois mais uma em cheio. Uma mesmo em cheio. Uma mesmo em cheio na tua cabeça castanha. Eu ouvi. Mamã a minha cabeça. Mamã mamã não mamã não me batas mais na cabeça. A segurá-la, a tua cabeça, todo agachado. A senti-la a latejar. O choque como um sacrilégio. Mamã a minha cabeça mais não, defendes-te agora com a tua palma. Ela não descarregou mais. Atirou-te outra vez para o chão. Foi para o quarto. Fechou-se atrás das cortinas pesadas e fechou-nos a porta na cara.

Nós ali acorados no patamar. Eu intrigada por estar a sangrar. Um crânio e o cérebro a latejar foi o que eu senti. Tu voltaste a tua cara para o canto. Vermelho vivo e branco com mossas. Ficaste ali até conseguires parar com os soluços. Ouvi-te a arfar a respirar. A acalmá-la.

Levaste-me com a mão a arder até à casa de banho e depois água na minha cara. Enxugaste-a com delicadeza, disseste-me vá já passou. Limpaste-me o sangue como na escola. A cabeça para trás engolindo o fluxo espesso. Agora, disseste tu, vai ficar tudo bem. Agora fazemos tudo o que nos dizem para fazermos. Talvez ela nos perdoe se nos portarmos como deve ser. Está bem?

Vamos comportar-nos como deve ser. Eu digo estúpida vai à merda vai-te foder vaca puta punheteira merdosa fodilhona puta porca. Para com isso, não digas isso. Tens de ser boa. Ela não agora não te ouve digo eu.

Fizemos sopa de tomate. Tu abriste-a e deixaste cair um bocadinho na bancada. Limpei na escuridão. Estávamos a ver se não fazíamos barulho nenhum. Não acendemos sequer a luz quando ligaste o gás. Vertemos aquela sopa vermelha na panela. Deixámo-la a borbulhar no fogão. E mexemos com a colher de pau para não agarrar. Servimo-la numa terrina branca. Com um bocado de pão. Um rolo de cozinha dobrado na bandeja. Uma colher de sopa como deve ser ao lado no pratinho. Fui eu que a levei mesmo que tu fosses maior. Para não a deixar cair. Eu tinha cuidado e tu podias deixar cair. Pousei-a ali. Ali no chão. Ali mesmo ao pé da porta. Depois tu bateste. Muito suavemente. Dizendo Mamã num sussurro está aqui o jantar que a gente te fez. Estivemos a combinar que nos íamos portar bem daqui para a frente e fazer tudo aquilo que nos disseres para fazermos. Sempre. Por favor não me mandes para a escola dos atrasados.

Depois uma espera. Ouvimos os seus passos no chão do quarto. Silencioso. Pé ante pé. E ela abriu a porta com um ar muito cansado e muito branca. Abaixou-se e apanhou. Dizendo obrigada meus filhos. Até amanhã de manhã. Vão deitar-se agora. Durmam bem.

Toca a levantar dessa cama. Vá lá estamos atrasados. Ah Mamã. Não te fará mal algum Minha Menina mostrar ao Senhor que queres saber. Mas eu não suporto a missa. Por favor isso não. Falta-me o ar. Vamos lá calça lá os sapatos não temos tempo para estar com estas coisas.

As avós dão pancadas secas nos peitos. Sei isso de as ver na missa com um calor que não se pode quando dizem o nome de Jesus. Os meus pés ficam-me a doer, fico com os joelhos a doer quando me ajoelho no lugar onde o pé esquerdo de alguém deixou lá caca que trazia agarrada — desculpe deixe-me passar. Toda aquela gente para cima e para baixo a dizer que Cristo morreu Cristo se levantou Cristo vai voltar. Mamã não consigo ver o altar. Levanta-me até ficar com formigueiro nas pernas.

É um lugar arriscado para fazer barulhos a missa. Qualquer tentativa de ir pelo corredor. Volta já para aqui. A trepar pelos bancos da frente. Perdão. Senta-te. A aspirarmos lenços ou a esgueirarmos para debaixo do banco. Que bela murraça. Fica aqui e vai-te logo para os pulmões. Gosto disso, fazer homens de lenços de papel chupados. Tenho montes deles e nunca limpo o nariz. Para com essa porcaria. Vais apanhar se te vejo a bater com esse boneco no chão. Mas ele está aos saltos. Chiu. Mamã está mesmo. Chiu. Está a saltar das cataratas do Niágara. Para. Isso. Já. Ouu. Para com isso já disse.

E quando saíamos os velhos todos a dizerem já me viste isto, e não são uns queridos nestas idades ainda podemos fazê-los

fazer o que queremos. Com a idade dos seus o meu fazia-me trinta por uma linha. É claro que eu ficava com o coração despedaçado. Ela sorri diz que eles são o cabo dos trabalhos, mas não passarias sem eles, pois não? Não. Graças a Deus.

Gostas de vir à casa de Deus? No carro de volta para casa. Cuidado. E para isto a resposta é sim. Não preferias ficar a ver televisão? Não Mamã não preferia. Não.

Ela agora oferece amor modesto e uma santa disposição. Sinal da cruz. Contas para beijos. E histórias da Bíblia toda a santa noite e todo o santo dia. O que eu gostava mais era dos gafanhotos a comerem tudo. Cilícios que se agarram à pele. Diabos no deserto e pedras por pão. Um Jesus de muito sofrer. Descarnado e com as costelas à mostra, ninhos de ratos no seu cabelo. Mais pauladas e corpo dorido na cruz como se já não chegasse.

Fiz um desenho a marcador à volta da sua imagem. É estar sossegadinho ou levar uma lapada. Não ouses desfigurar o Nosso Senhor. Mas eu. Sangue a sair deste olho. Quando pudesse raspava-me secretamente e nunca mais me apanhava. Ficava sobre a barriga a cantar Quando a criação se fez Deus escolheu-te para seres mãe do seu filho ditoso a ti Santa Maria cheia de graça. Espeta isso nele. Gosto dói tanto. A sua mãe está a chorar por o ver ali. Sangue maravilhoso nos espinhos e nas chagas é o melhor que há embora não se veja as costas dele nesta imagem. Buracos de feridas por se espetar em lanças ou cravos. Aquele está infetado. Seria ainda pior se lhe metessem uma faca digo. Mas faltava-me a ponta do feltro vermelho. Ficou esmagada no olho da boneca. Foste tu que o fizeste. Ainda assim, que bom que é vê-lo todo cheio de sangue, de sangue até à morte, embora cor de rosa. Lá me entretinha com um milhão de cutiladas às golfadas que tinha de desenhar, tentando fazê-las parecerem pior, acrescentando umas crostas. Onde é que está a dor naquela? Mas eu queria ouvi-lo a gritar, a gritar mais que tudo. Foi assim tão mal Jesus? Sr. Jesus Cristo. Pensava que

Cristo era o apelido. Ela sempre a apontar para ele nas imagens a dizer Jesus Cristo. O Sr. Cristo. A Sra. Cristo como a Mãe Natal. Estão todos muito estranhos, viu-me, disse eu estou a ver o que estão a fazer. Isso faz Jesus ficar triste. O quê? Desenhar o sangue a jorrar-lhe das pernas. Eu não. Tu sim. É porco. Não digas nada, está bem, a sério que não dizes nada? Não torno a fazê-lo. Está bem mas tens de dizer as tuas orações e vê lá se te lembras de as dizer quando estiveres a confessar-te ou então. O quê? Vais parar ao inferno.

Rua abaixo havia as raparigas do lavrador que eram minhas colegas de turma. As lancheiras delas todas cheias de gordura. A cheirar a molho de salada. A casa delas a tresandar a biscoitos de queijo se fôssemos brincar para lá.

Eu e as raparigas que tresandavam quando estávamos a brincar. Fazíamos outras coisas. Malandrices quando passava lá a noite — ach deixa-a aqui ela não vai fazer mal. Nós muito janotas vestidas de Rato Mickey ou Pato Donald com as nossas camisas de dormir de nylon. Reverendo ela e Pai eu. O nosso altar cheio de candelabros com botões de algodão. Um cálice com flores lá dentro, o pano o tapete e a bolacha de Jesus era de queijo e cebola. Mas antes filhos meus confessai os vossos pecados. Eu sou confessora. É isso. Eu faço como no anúncio dos flocos de cereais. De rabinho a abanar como cães com as caudas a dizerem oooooo adoro flocos de cereais. E flocos de cereais não podem ser pecado. Aqui são. Não. Abanes. O. Teu. Traseiro. Assim. É. Pecado. Essa admoestação para ela era aquela que se devia usar e para minha penitência até nem estava mal. A mim. Nas minhas pernas. Mas às vezes puxava a saia para cima porque era assim que os sacerdotes faziam. Em frente de toda a gente. Depois ficava-se a ver os nossos adornos. Dez aves-marias e um Glória Ao.

Agora meus filhos são horas da missa. Cantemos aquele hino. Através dele com ele nele na unidade do Espírito Santo toda a glória e honra seja vossa pai todo-poderoso para sempre e sempre. Di-lo, este é o corpo de Cristo e come a tua bolachinha.

Este é o sangue de Cristo e toca a beber este sangue de groselha muito grosso. Não o cuspas. E em nome da mãe fecha a porta e dispensamos num instantinho por blasfémia o pecado capital.

Mas a mãe delas mandou-nos os seus dizeres. Dá o meu olá à tua mãe. Diz-lhe que somos As Carismáticas. A fazer as boas obras. A fazer as boas obras em nome do Nosso Senhor Jesus Cristo. E ela veio uma tarde de domingo e veio rezar por mim – uma grande pescaria para os pescadores de homens. Estavam a falar há uma hora e ela disse então todas as quintas. Às seis? Sim. Ótimo.

Chegaram com bolos de fruta. Há ali uns poucos scones ali naquela taça. Ela diz diz ao teu irmão ele que traga um chá. Pousa a bandeja aqui na mesinha de café, lindo menino. Não é maravilhoso? Eles estavam a fazer clique-claque na altura em que chegaste. Oh é de enlouquecer passarmos o dia todo sentados em casa sozinhos. Olha-me só não é maravilhoso? Ensinaste-o que é uma maravilha. Porta-se lindamente. Não estás encantada? Claro que sim. Que lindo rapazinho louvadosejadeus. Como mãe sabes todas as respostas e todas as perguntas antes. Sabia como te amansar. Sabia como te perguntar pela escola e pelo teu professor. Vais fazer a tua primeira comunhão este ano? Isso tudo.

Aquela feminilidade toda cheia de meias de vidro florescendo casacos rosa e azul ou negro e verde se o dia for de chuva. As suas botas no corredor, estaladiças com esterco de vaca ou lama molhada. Se em saias domingueiras, cada dobra uma paisagem dos seus corpos crescidos. Cansados. Intocados. A carne a correr toda a noite atrás das vacas. A carne a carregar sacos de turfa veredas acima vindas do celeiro e a jorrar sobre filho e filho e filho. Filho ele quis. Filha não. A fazerem fritos a toda a hora e o cheiro a cigarro, a beatas como lhe chamavam. A lírio do vale e a vaselina. Este país é péssimo no inverno. Nylons de pele castanha. Sapatos de napa. E eles com uma chavenazinha ali na mão. Ainda bem para eles que

gostam muito de Deus e de Jesus. É isso que vêm para aqui dizer e fazer. Têm nas carteiras escritos sagrados e livros sobre isso. Eu escolhi este. Eu empresto-te aquele. Agora dou-te este livro aqui que quando o li pensei em ti. Segura bem nas suas palmas bem abertas e deixa o espírito entrar. Para os salvar e os libertar.

Alguns a maioria são mulheres. Numa lua azul um homem. Gosto de ver. Sentando a um canto a ajuizar como posso porque tudo o que dizem me interessa. Uma Cindy de vestir e despir sem pescoço. Não se pode parar senão ficam a olhar para mim uns vermes ali a ouvirem. Oh a olhar para ver o que se passa com aquele. Não lhe escapa uma. Sei soletrar mas é muito rápido para poder perceber f.u.g.i.r com o s.a.c.r.i.s.t.ã.o e vivem em p.e.c.a.d.o em tal e tal lugar. Ali está a mãe da rapariga que tresanda e a sua irmã com problemas de mulher tão peculiares toda a gente apontou e perguntou e como está aham? Ah há anos que ela não assenta. Aparentemente o cheiro daquilo é do pior mas só deus sabe que ela não tem culpa nenhuma. A segunda mulher do irmão — ah a primeira morreu deixando cinco para trás. Diz-me qual é o sentido que isso faz? Eram levados da breca. Uns fedelhos sem travão. A governanta do padre da paróquia — Deus seja com o seu falecido. Um homem adorável. Ela fez-lhe a vida negra mas já se sabe. A Sra. fulana de tal a do marido que geria a AIB. Toda não me toques que me desafinas — atrás de palmeiras na copa sussurravam acrescentando um chapinhar para aquecer a panela. Grande chapéu vermelho que ela leva para a missa. Então damos-lhe uma olhadela e onde é que está a humildade nisso? Ah cada tolo com a sua mania, como se diz. E depois a tua mulher que comprou uma máquina de costura. Umas cento e vinte libras onde é que ela foi... O rapazinho dela. Tem trissomia. Deus o tenha. Ela faz uniformes escolares para poder comprar brinquedos e-du-ca-ti-vos diz que sim. E isso está certo porque Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos. A mulher do político eles normalmente não podem com ela mas

valha-nos Deus a mulher teve uma desilusão amorosa. Ele anda por aí com esta e mais aquela. Ela não pode olhar do alto do seu nariz para elas. Os votos dela são uma coisa sagrada e ele não vai fazê-la cometer um pecado capital. O seu coração pode estar despedaçado em mil bocados mas ela vai aproveitar e vai ofertá-lo em penitência não te parece que isso é um bocadinho de orgulho? E aquela cujo marido é um bêbado sem cura. Como o pai dele antes dele sabes como é o tipo, viciado. Isso é capaz de nos matar se nos distrairmos. Os olhos azuis dela. Os olhos pretos dela. Já está outra vez a enfrascar-se? dizem e rezam para que deixe de quando em vez e pelo perdão dos seus pecados.

Quando eles voltam àquilo do rosário. Círculo. Eu sinto o Espírito Santo aqui perto. Entre nós. A curar-nos as nossas chagas. A encher-nos com o amor de Cristo. Pousa isso aí e vem cá dizer as tuas orações. Falar através de nós como os apóstolos de antigamente. Tu e eu aqui sentados sofrendo no Senhor, a pensarmos nas maminhas da Cindy e que estão ali deitadinhas no chão. Às vezes faço-te um sapateado. Uns movimentos. Mas tu não vais mais em cantigas. Abaixa a tua cabeça. Tu ouve-me bem e acredita no que te digo — digo-te que aquele rapaz tem a marca de um sacerdote. Mas eu não me vou incomodar com isso até vir aparições. A mensagem da Nossa Senhora da Medjugorjie diz que terríveis segredos se aproximam. Teve visões raparigas vistas brilhantes do inferno. A família deles está a desmoronar. Aqueles bichinhos aqueles amigos. Vermes frios de medo. Vai ser assim comigo? Vou escapar se conseguir. Correr. Sente-se Minha Menina e testemunhe a sua verdade abençoada.

Veja só como ela vem. A Nossa Senhora toda de branco, quando não se está a ver. Ela recomenda-te a Cristo. Reza por ser escolhido. Sofrer os seus segredos para o mundo. Um mundo a morrer. Por favor não a mim ou apanha-a a levitar nas escadas. A estender os seus braços. E que tal em vez disso um estigma? O pior é nunca

voltar à escola mais ou olha para as minhas mãos se eu puder ver. O Espírito Santo em mim. Não um castigo. Um dom. Não não como o violino. Qualquer idiota fazia isso. Sinto-o na dor da minha palma mas quando é que o sangue explode? Agora é agradecer a Jesus ou então nada disso. Os lábios ágeis da prece não me importaria de ser um. Mas eles tinham todos isso pelos seus filhos. Um visionário nascido de dentro de mim? Apenas dá para prever as estações pelas árvores Malachi profetizada ou Colmcille. E diz-se que o último segredo de Fátima é a destruição da igreja. O Vaticano não diz nem que sim nem que não porque isso seria o fim dos dias. Engula-se a custo. Mas saberemos de Medjugorje no dia anterior. Estremeço eu púrpura terror na minha garganta. Os mortos vão bater-te à janela. Mãos mortais ossudas de espírito. Eles vão suplicar-te que lhes salves as almas. Abre o trinco clamam eles. Tu não abrirás. Não podes. Tens de voltar o teu rosto deles. Para longe. Fecha as cortinas. Acende uma vela e reza pela tua salvação enquanto o apocalipse força a tua porta. E se te jurarem que te amam, pior para as suas almas. Estas pobres alminhas a uivar. Sugadas para a noite eterna. Salvas-nos Mamã? Eu direi calma meus filhos fechai os olhos porque este mundo está a chegar ao fim. Mas Mamã isso assusta-me. Então é melhor portares-te bem.

Eles rezam a Deus e rezam e rezam por amor de Deus para serem salvos. Eles estão a balançar a rolar. As palmas rígidas estendidas. Deixando entrar o Espírito Santo. Vinde e fazei das nossas vidas um sacrifício perfeito junto de vós. Os russos estão a dar cabo do mundo. Reza por eles. Por todos os chineses que estão condenados ao inferno. Porque o papa negro é o último. Por ele também se for o próximo. Eu cutuco. Poderá Satanás estar a falar entretanto? Não. Há água benta idiota e não há muito terror em ti. Tu estás cheio de redenção. Mas eu estou disposto a isso. Eu e os meus pecados. Ouve porque eles falam alto em mil línguas. Poderiam os alemães entender talvez francês? Soa-me a A la la ka leash a na.

Mas quando forem e for de noite sinto-me um pouco de coração parado. Dá dor de peito terror. Faz o sinal da cruz e ficarei bem. Tu vais estar seguro porque a tua inspiração é Cristo, coisa imunda. Não se eu morrer antes desperto e peço a Deus que me poupe a alma para te levar Deus vos abençoe a ti a mim à Mamã ao Avô e à Avó e não permitas que os fins do tempo aconteçam hoje à noite. Tu dizes agradeço-te Deus por seres tão bom e não teres medo da escuridão.

Se calha de ser verão antes de o sol se pôr eu às vezes ponho-me a milhas dos beatos. Mamã tenho de ir à casa de banho e ir a correr depois de lavar as mãos para ir olhar para o sol. É isso que se deve fazer. Isso vai fazer de mim mais forte. Ouvi dizer que três vezes cega-nos. Mas a minha é em segredo por isso olho bem por isso nunca vou ficar cego. Deus nosso Senhor te guarde mas é. Ele podia ser uma espécie de santo. Nunca te conheceram a tua índole. Muitas mães deixariam de ter esperanças. O braço dela no teu ombro. A festinha que te faz. Não sei onde estaria eu sem ele.

Sou é do tipo fora, do tipo mansinho. Nada que pique um cura. Não é tipo Ave Maria que se diz como o Glória a. Por graça Pai e as alminhas no purgatório que sejam salvas — disse-me ele — agora donde foi ele tirar isso a não ser a Deus?

Ainda assim. Posso mandá-lo cano abaixo. Por dentro debaixo de Jesus faço a minha retirada para a chuva. Com as sandálias todas enlameadas. Com as meias todas enlameadas. Escapo-me. Saio de mansinho. A segurar cardos para a sopa das fadas ou dedaleiras má sorte professor a chamar-nos tontos ou vou contar à tua mãe que estavas a dizer asneiras. Se blasfemarmos morrem pessoas. Eu posso. Ser mágica. Dizer Cristo fodilhão. Nos campos. A minha melhor coleção de palavrões. Tudo aquilo que a mamã nunca me ensinou. Cagar no meio do campo ou fugir da chuva. Por isso sempre soube disso na altura e fazia sempre a mesma coisa. Oh agachar. Doca de folha larga. Estatelada. É verdade que podia morrer

por causa disso. Por esse lá fora tão solicitado. E branco também. Não devia ter lambido giz. Não suportava o Não podes alto. O aqueali rilhar crocante. E gengivas brancas de arrependimento. Veneno eu sei. Vou morrer disso. Mas pequenina. Ah sorrateira e Oh perco o ânimo só de o pensar. Fizeste algo que não devias ter feito. O giz é a tua perdição. O giz é o teu crime. Um dia na escola eu. Não lambi o quadro negro só com a mão. Bati-lhe com uma palmada. E uma chuva do doce pó de giz perpassando na minha língua. Radiante no almoço agora vou ser apanhada ou Quem fez aquela coisa nojenta? Onde está o apagador? A professora a bramir. Quem ousou violar o meu quadro? É melhor assumir-se é que eu acabo sempre por saber. O pânico traça os seus sulcos no meu rosto. Não levanto a mão. Ela mata-me. Quem é que fez isto? As redes não são atiradas para muito longe. Vocês as duas, levantem-se.

Eles batem o pé mas não confessam. Foste tu? Não professora. Estás a mentir. Sei que sim. Suas pestinhas funileiras. Itinerantes, é como se diz. Na nossa casa não se chama a ninguém de funileira diz a minha Mamã. Para ti não há cá nenhuma funileira, senhorita. Mas a nossa professora acha que sim. Sempre umas funileiras malcheirosas. As funileiras sentam-se ali vivem em caravanas e levam mais coça do que sei lá o quê. Estás a ver. São sempre as mesmas diz ela. Um cabo dos trabalhos. Ela conhece-as bem. Fico com as mãos a suar por achar que devia dizer. O gostar tanto de giz. Toda besuntada. Bateu-lhes nas testas às duas com força. Ouviu-se estalar. Puxou-as pelos rabos de cavalo com fitinhas brilhantes. Envergonha-me. As duas com os olhos de vidro a esfregarem as cabeças. Isso é para aprenderem. Desapareçam-me já da vista diz ela e elas ficam todas vermelhas a olhar para o muro de pedra da escola. A olharem para os arbustos com marcas de caracóis. Caracóis nos narizes delas. Caracóis nos olhos delas. Nenhum Papá seu diz que não a uma filha minha. Sei isso. Nenhum Papá meu. Para longe da minha vista, e ponham-se para aí a fugar

com as cabeças a doer nas suas carteiras. Com os narizes a pingar-lhes os punhos da camisa. A professora a esfregar as mãos num pano da louça. Nem pensem toquem suas rufiazecas. Eu arregaço a minha mão branca para mais tarde a lamber. Mais tarde. Adeusinho. Ó vai-te embora.

Não ali, dou voltas e mais voltas. Aquela casa era colina acima vale abaixo. Passos e lama. As galochas vermelhas. Guarda-chuva. Que bom estar seco. Olha que grandes gotas a caírem e correm como um rio para as moscas. Aranhas. Nessa altura estava sempre a chover. Verão. Primavera. Não sabia ao certo onde estávamos ou quando. Poças e charcos muito bons para se lançar cascas de amendoins. Como o mar ao largo e ao largo. Ora aqui é o Lago Corrib ora aqui o Nilo. Referia ter pequenos homenzinhos a navegá-los mas. Os teus soldadinhos não são meus.

E às vezes tinha-se mochilas. Um laço. As irmãzinhas tinham. Blhac. Detesto raparigas no recreio da escola. Mas ainda se punham de barriga para baixo nos degraus comigo. Quem é que se atira mais rápido? De cara? Pés? Não queres saber da cabeça do teu irmão? Rapazes em bicicletas são melhores e eu fico para trás a flutuar. Perguntam-me sempre que é essa cicatriz no teu cabelo? Um atirou-me uma pedra nos meus anos que me cortou a orelha. Ela agarrou-o pela jardineira. Seu fedelho não voltes a fazer isso senão eu. Toda a gente se julga um bocadinho nossa mãe e isso é um desespero porque onde é que está o homem da casa e não há ninguém que ensine àquela criançada o que é certo e o que é errado? Era pau para toda a obra e na minha altura nós éramos lá lá lá. Diria eu é como dizem.

Estranho. Empurrada para o oceano da escola. A acenar ocasionalmente para a sua linha de costa. Olá, Mamã. Nunca mais me vêes outra vez com a minha vida secreta. Espio o mictório de um rapaz. Mato coisas vermelhas na parede. Esgacei e parti o elástico

da cintura de uma rapariga qualquer. É o que eu digo. A Senhora sua mãe. Senhora. Mãe ou. Torço-te a orelha por seres barulhenta. E nunca atinei com tabuadas. Estou queimada. Quanto dá sete vezes doze? Burra até dizer chega. Voltada para a turma. Agora para ti. Apanhar. Foi a história da minha vida. E a minha cabeça é boa para segredos. Posso bater com ela na parede. Tira-me o nervoso miudinho e ninguém se importa com isso e não.

Por isso. Isto corre bem quando ninguém está a olhar. Que o caminho te seja benfazejo e o vento de feição. Corre-me esses montes. Pisca o olho à casa. Vai olhar para o sol até cegares. Levanta o rabo. Faz-te ao céu. De balão sobre a terra. O cogumelo tapa os teus bricabraques. De vento em popa eu. A ganhar-me no meu próprio jogo. Alça-me essas saias e vamos lá a dançar. A pingar das chuvas torrenciais. Com os pés molhados como um bebedouro. Encharcados até mais não carne e ossos. Arranhar os braços em abrunheiros. Pedras de cortar joelhos de aprender a voar. Erva que corta mãos e lábios num formão. Vou chamar todas as fadas e tudo aquilo que viva lá em baixo. Porque sei que me ouvem. Vão pôr-me espinhos nos bolsos e espinhos na minha cama. Vou dançar em cima das casas deles até ficar com os lábios vermelhos. Vou tornear e remoinhar. Uma palmada nesse cachaço mas Já para casa. Já para casa tu, sempre, sempre vens.

A deslizar de skate na praia. Sonhei com isso. Tipo vazia com um céu amarelo num penhasco. Uma tarde. Sozinha embora houvesse gaiivotas. Corvos-marinhos está bem. Pintos e galinhas. Pios de garganta amanteigada. A tirar os peixes da água. A fazer cabriolas na água, a mergulhar. A bater as asas como um louco como se por medo de caírem em cima de mim. Não posso com aqueles pés de aves por cima de mim. Contudo um ar frouxo de tempestade a soprar sobre a água. A atravessá-la acho. Essas nuvens e vento de rajada chuvisco de areia a flutuar. A apanhar-me por trás.

Numa altura má do ano. Esta. Patins. De se apertar os cordões. Daqueles de borboleta e de laços. Pesados e de couro sobre os meus pés apertados vermelhos postos. A rolar na areia. De pé para pé para pé para pé. Rodas deslizando como escavadoras na areia. Crepitando como vidro num ferro. E depois água a amontoar-se nas minhas costas. Eu ouço. A morder-me as pernas. A uivar. A arrastar as pedras. A arrastar-se na minha direção. A arrastar-me. Vejo as dunas de areia. Erva marinha que pica a chicotear viciosamente ao vento. Ondas de púrpura chocolate. Nos meus tornozelos como cobras. A puxar-me a perna. A cair-me nas minhas mãos e rosto. O oceano. Estou a afundar-me? Joelhos vermelhos nas minhas coxas vermelhas caindo na espuma. Estou ali eu. A represar-me para mais. As ondas são mais e retumbantes. Vêm por trás de mim. Sobre mim. Encharcada e pesada e rastejando no pó. O meu casaco vermelho. Encharcado. De cabeça para baixo e encolhido como um capuz. A minha cara cheia de areia. A minha boca cheia de areia. As minhas mãos a patinhar debaixo de água arrastam-me para fora. A cabeça pesada. O coração a enlouquecer de pânico. Gritando. Nomes. Tu. Tu. Esse tipo de pulmões a gritar. A cru e sibilante a gritar grito nenhum. A expelir. A expeli-lo. Ninguém me escuta. A lutar. Acudam. A gorgolejar. A grugulejar. O céu da boca salgado. A língua salgada a algas. A afundar. A arquejar. Até ao nariz até aos olhos até ao cérebro. E agora a arrefecer. Para baixo. Eu sou. Eu sou. A ir-me. Fui-me. Para. Para cima. Ar. Respira.

Mamã. Gritá-lo. Tive um pesadelo. Pronto pronto agora. Ela vem. Ela senta-se ao pé de mim. Isso não é a sério meu amor. Não te preocupes isso não é a sério não te preocupes, agora estás acordada. Então então. Então. Não te deixo que nada de mal te aconteça. Mamã posso dormir na tua cama?

Nos seus braços de mãe me deito agora me sinto e ela sacode-me. Dá-me um pontapé a dormir. Um pequeno ressonar. Um pequeno engasgar. As suas pestanas trepidam na noite. Tudo aquilo

UMA RAPARIGA É UMA COISA INACABADA

que é normal e bom com que se adormecer. Ela que sempre me deu segurança. A eletricidade estática das nossas meias de dormir. Pequenos laçarotes nos nossos pescoços e mãos. Rosas a condizer. O meu raio de sol. Só. Mas Mamã deixa a luz do corredor acesa. Preciso de ver alguma coisa.

VENCEDOR DE:

Baileys Women's Prize for Fiction • Goldsmiths Prize
Kerry Group Irish Novel of the Year Award
Desmond Elliott Prize • Geoffrey Faber Memorial Prize

«Eu acho o teu rosto o melhor que há. Quando éramos nós éramos nós éramos novos. Quando eras pequenino e eu uma menina. Era uma vez. Vou lembrar-te lembra-te bem. Agora. Não nessa altura. E eu ajoelho-me sobre a tua cama tranquila. Beijo a tua cara. Saio do quarto. Eu vou. Dormir. Tal como tu.»

Romance breve mas intenso, *Uma Rapariga É Uma Coisa Inacabada* é o retrato nu do relacionamento de uma jovem com o seu irmão, e da longa sombra projetada, nas suas vidas, pelo tumor cerebral de que ele padece e pela família profundamente disfuncional em que vivem.

Narrado na primeira pessoa por esta rapariga sem nome, numa espécie de fluxo de consciência repleto de elipses e incoerências, que reflete o estado de quebra emocional da narradora, este é o romance de estreia de Eimear McBride, escritora irlandesa, considerada por muitos críticos a grande revelação de língua inglesa da última década. Ler este livro é mergulhar na mente da narradora, sentir a vida em bruto, tal como ela a atravessa. Nem sempre é uma experiência confortável — mas é decerto uma descoberta.

«Um futuro clássico. [...] Inevitavelmente comparável ao cânone irlandês — os monólogos de Beckett, o solilóquio de Molly Bloom de Joyce em *Ulisses*, e a prosa ontogenética de *Retrato do Artista quando Jovem* — e às vanguardistas britânicas e irlandesas: Edna O'Brien, Virginia Woolf, Ann Quin.»

Joshua Cohen, *New York Times*

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-35-0



9 789898 839350

Literatura Estrangeira

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT